

Pluripertencimentos e comunicação intercultural nos fluxos migratórios: percursos transnacionais entre migrantes na cidade de São Paulo

Multi-belonging and intercultural communication on migration: transnational routes between migrants in São Paulo

Pluripertencimentos y comunicación intercultural sobre la migración: rutas transnacionales entre los migrantes en São Paulo

Sofia Cavalcanti Zanforlin | szanforlin@gmail.com

Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF, Brasil.

Florence Marie Dravet | flormd@gmail.com

Universidade Católica de Brasília. Brasília, DF, Brasil.

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre as noções de transnacionalidade e interculturalidade na definição dos múltiplos pertencimentos dos migrantes da cidade de São Paulo, especialmente os bolivianos e latino-americanos. Fruto de uma pesquisa etnográfica desenvolvida entre os anos de 2011 e 2013, esta reflexão é norteadada pelos diálogos travados com migrantes, cujas experiências e visões de mundo são passíveis de alimentar os imaginários sobre o fenômeno migratório, sobre os lugares de origem, os percursos e os lugares de destino e, particularmente, sobre o que é ser migrante na época contemporânea em uma cidade cosmopolita como São Paulo. Propomos aqui a interpretação de uma identidade que se abre aos pluripertencimentos e aos diálogos interculturais proporcionados pelo fenômeno da migração.

Palavras-Chave: Comunicação Intercultural; Pesquisa etnográfica; Transnacionalidade; Interculturalidade; Migração; Migração latino-americana.

Abstract

This paper proposes a reflection on the notions of transnational and intercultural setting of multiple affiliations of migrants in São Paulo, especially the Bolivian and Latin American. Result of an ethnographic research conducted between the years 2011 and 2013, this reflection is guided by its exchanges with migrants, whose experiences and worldviews are likely to feed the imaginary on the migration phenomenon on places of origin, routes and places of destination and, particularly, about what is being a migrant in contemporary time in a cosmopolitan city like São Paulo. We propose here the interpretation of an identity that opens the pluripertencimentos and intercultural dialogues provided by the phenomenon of migration.

Keywords: Intercultural Communication; Ethnographic Research; Transnationality; Interculturalism; Migration; Latin-American migration.

Resumen

El artículo propone una reflexión sobre las nociones de transnacional e intercultural en la definición de múltiples afiliaciones de los migrantes de São Paulo, en especial el de Bolivia y de América Latina. El resultado de una investigación etnográfica realizada entre los años 2011 y 2013, esta reflexión se guía por los diálogos con los migrantes, cuyas experiencias y visiones del mundo es probable que alimentar el imaginario sobre el fenómeno de la migración, en los lugares de origen, las vías y los lugares de destino, y en particular sobre lo que está siendo un migrante en la época contemporánea en una ciudad cosmopolita como São Paulo. Proponemos aquí la interpretación de una identidad que abre las pluripertencimentos y el diálogo intercultural proporcionados por el fenómeno de la migración.

Palabras clave: Comunicación Intercultural; Investigación etnográfica; Transnacionalidad; Interculturalidad; Migración; Migración latinoamericana

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Sofia Zanforlin.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Sofia Zanforlin e Florence Dravet.

Redação do manuscrito: Sofia Zanforlin e Florence Dravet

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Sofia Zanforlin.

Declaração de conflito de interesses: Não há.

Fontes de financiamentos: CNPq.

Agradecimento/Contribuições adicionais: Agradecemos ao CNPq pelo apoio ao projeto de pesquisa e a todas as pessoas que se dispuseram a conversar conosco em São Paulo sobre a temática da pesquisa.

Histórico do artigo: Submetido: 18.06.2015 | Aceito: 13.10.2015 | Publicado: 20.dez.2015

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Recis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

O contexto, a problemática e o ponto de vista

Este artigo é resultado da pesquisa *Mídia, Migração, Interculturalidade – discursos e imaginários*, desenvolvida entre os anos de 2011 e 2013 na Universidade Católica de Brasília, com financiamento do CNPq. O projeto propunha coletar e analisar os discursos produzidos no processo de migração, de maneira a compreender as relações de negociação do pertencimento nas comunidades de migrantes, relações estas definitivamente atreladas a uma sociabilidade desenvolvida no encontro, no contato, na conversa, onde sabemos serem necessários dois fatores relacionados: o território e as comunicações, desde as interpessoais às midiáticas.

Procedemos também ao mapeamento dos lugares de encontro das comunidades selecionadas para pesquisa – Latino-americanos em São Paulo; Angolanos e Congolezes no Rio de Janeiro; Bengaleses em Brasília; Haitianos em Manaus – e à análise do material midiático elaborado por estas comunidades. Como “lugares de encontro” nos referimos tanto ao espaço destinado ao lazer quanto às associações organizadas pelas comunidades migrantes, ou pelas comunidades de destino para a assistência aos migrantes. Um dos principais lugares elegidos para o encontro da comunidade boliviana em São Paulo, por exemplo, é a Praça Kantuta, no bairro do Canindé. Nessa praça, cujo principal dia para a reunião da comunidade acontece aos domingos, dia de folga dos migrantes que trabalham nas oficinas de costura, são distribuídos jornais, panfletos, produzidos pela própria comunidade, que trazem notícias tanto da Bolívia quanto de São Paulo e são transmitidos programas de rádio.

Para o presente artigo, concentraremos nossas atenções às pesquisas realizadas em São Paulo, junto à comunidade latino-americana e particularmente aos Bolivianos. Os conceitos de transnacionalidade e interculturalidade constituem os marcos teóricos para a interpretação daquilo que observamos em campo. A reivindicação de uma cidadania intercultural integra a agenda de debates das comunidades de migrantes, pois que “não se vincula unicamente à satisfação dos direitos que levam à igualdade, mas também àqueles que se reportam à diferença como componentes da democracia”¹. Assim, combinar os dois conceitos permite a atualização do debate sobre identidade e relativiza o conceito de cidadania vinculado ao Estado-nação: “A interculturalidade é uma dimensão da cidadania das migrações passível de ser constituída a partir de um diálogo capaz de produzir um ‘lugar’ ou uma ‘ética’ em que se combinam dimensões universais e/ou particulares das identidades culturais relacionadas tanto aos contextos de origem quanto de destino dos migrantes”².

O contexto atual já está desconectado ao desmantelamento dos impérios, o chamado período pós-colonial, e se encontra hoje em sintonia com a lógica globalizante de redistribuição de recursos de vida. As diásporas contemporâneas são dispersas e difusas, estendidas por uma diversidade de territórios e desinteressadas das discussões a respeito de lealdades e obrigações legais que este tema até então envolvia: a nova migração coloca uma interrogação sobre os laços entre identidade e cidadania, indivíduo e lugar, vizinhança e pertencimento. Assim, a importante mudança de concepção nesse cenário diz respeito exatamente à noção de pertencimento e à emergência do transnacionalismo, em que o pluripertencimento se apresenta como uma realidade inevitável a ser discutida.

Atualmente, há um debate político no Brasil e no cenário internacional sobre como lidar com a diversidade, lutar contra manifestações de exclusão, racismo e xenofobia. Os estudos interculturais que se desenvolvem teoricamente são enriquecidos com o conhecimento da realidade fenomenológica que pode ser observada no meio migratório, ainda pouco conhecida e tratada no Brasil, particularmente no que diz respeito aos novos fluxos migratórios de pessoas que não figuram no perfil histórico de recebimento de estrangeiros. Citamos, além dos recém-chegados angolanos, congolezes, haitianos e bengaleses, também os latino-americanos, especialmente bolivianos, paraguaios e peruanos que já constituem comunidades importantes no Brasil.

A perspectiva intercultural que adotamos aqui é percebida como um processo dinâmico de trocas entre culturas e busca valorizar as relações entre universalidade e diversidade, entre conjunturas socioeconômicas e aberturas imaginárias, entre discursos ideológicos e diálogos intersubjetivos. A interculturalidade é uma realidade fenomenológica que não se embaraça com noções fechadas de identidade, comunidade ou pertencimentos étnicos e/ou nacionais, mas foca sua atenção no trânsito entre todas elas, de acordo com os múltiplos percursos que as narrativas antropológicas dos migrantes e não-migrantes são capazes de traçar.

Trazemos também aqui a noção de “desejo” como categoria motivadora da migração e como determinante da condição de migrante, uma vez que percebemos nas falas e atitudes dos nossos entrevistados e observados a possibilidade emancipadora do subjetivo e a expressão individual como determinante da ação humana. Não queremos, com esse argumento, esvaziar a força preponderante do contexto histórico e material, em que as razões econômicas formam a base da estruturação da ação, mas, ao contrário, tentar enxergar as possibilidades da ação humana imbuída de consciência crítica, simbólica e imaginária como elementos criativos e, quem sabe, revolucionários.

Importa-nos ainda ressaltar que a imaginação e a fantasia, como produções subjetivas, podem se complementar no contexto material estrutural que se somam às razões que motivam as migrações, numa “mútua contextualização de movimento e imaginação”. Talvez seja preciso lembrar que o reconhecimento do papel significativo do imaginário se dá a partir do contexto de dessacralização da arte e da aproximação da experiência estética do cotidiano, tudo isso intensificado pela midiatização crescente da sociedade contemporânea. São imagens, textos e sons que reconfiguram o imaginário social contemporâneo, com novos desenhos e possibilidades de viver a vida, traduzidos na forma de consumo e de conquistas: “quem quer mudar-se, quem já se mudou, quem já regressou e quem preferiu ficar raramente formula os seus planos fora da esfera da rádio e da televisão, dos vídeos, dos jornais e do telefone”³. Acrescentemos a estes o papel forte da Internet nesse processo. Essas são instâncias midiáticas que entrecortam o cotidiano atual, transcendendo a esfera do nacional.

Queremos mostrar com este artigo aquilo que, para além dos discursos alarmantes da grande mídia sobre as condições socioeconômicas dos novos migrantes e as consequências políticas que tais discursos acarretam, nos parece ser a face positiva e enriquecedora da migração para a cultura: o dinamismo, a renovação de perspectivas, a abertura a novas possibilidades de trocas e olhares para a realidade, a criatividade; elementos esses daquilo que chamamos de interculturalidade e que é possibilitado, entre outros fatores, pelos fluxos de pessoas e de ideias, concretizados pela presença dos migrantes em uma cidade.

Vozes vindas de outro lugar: o campo

Nosso objeto – o migrante em processo de negociação de pertencimentos – e nossa perspectiva teórica – os pluripertencimentos, a instabilidade na moderna produção de subjetividades e o papel do imaginário midiático nesse processo⁴ – implicam a elaboração de uma metodologia de apreensão qualitativa da realidade que denominamos “compreensiva”. O termo foi definido metodologicamente pelo sociólogo Max Weber⁵, em que compreensão e explicação são pontos de partida situados em polos opostos, mas longe de constituírem modos de pensar separados. Na verdade, a perspectiva compreensiva se fundamenta na convicção de que os homens não são simples agentes portadores de estruturas, e sim produtores ativos do social, portanto, depositários de um saber importante que é necessário apreender por dentro, por meio do sistema de valores dos indivíduos. Isso começa, necessariamente, pela intropatia, e prossegue com a capacidade do pesquisador de interpretar e explicar a partir dos dados coletados. A compreensão do indivíduo é um instrumento; o propósito do pesquisador é a explicação compreensiva do social e, no nosso caso, do intercultural.

Os principais instrumentos de coleta de dados da perspectiva compreensiva intropática são a entrevista e a observação etnográfica. O instrumento de análise é a interpretação e a explicação que visam à teorização. De fato, a sociologia compreensiva propõe uma combinação íntima entre pesquisa de campo e fabricação concreta de teoria. Sua vocação é muito mais a de analisar, compreender, detectar comportamentos, processos e modelos teóricos do que medir, descrever sistematicamente ou comparar dados.

No caso das comunidades de migrantes que foram observadas, a etnografia permitiu ir além dos discursos e enriquecer-se de elementos fenomenais da comunicação – a comunicação em ato, em acontecimento – através da observação das interações cotidianas, mas também dos elementos do ambiente urbano. Nas duas primeiras etapas da pesquisa, recorremos a entrevistas com os membros das comunidades identificadas. Também recorremos à observação e ao registro etnográfico.

A entrevista compreensiva consiste em um roteiro livre de conversação gravada e posteriormente degravada. O roteiro permanece aberto, mas acompanha a problemática e as perguntas construídas a partir dos objetivos específicos identificados. A quantidade de entrevistas e a variação do perfil sociológico dos entrevistados obedecem a um critério claro de saturação dos modelos de análise. É o conteúdo apreendido das entrevistas que procuramos relatar aqui.

Dentre o fluxo de imigrantes de latino-americanos para o Brasil, destacam-se os bolivianos, que constituem uma importante comunidade em São Paulo, cuja maioria vem para trabalhar em oficinas de costura, muitas delas não reconhecidas legalmente. As características dessa comunidade são expressivas, ainda que os números relativos a ela sejam oscilantes: a estimativa varia entre 150 e 200 mil bolivianos na cidade de São Paulo, entre regulares e indocumentadosⁱ a maioria não possui qualificação profissional e se concentra no setor de costura; exerce trabalho irregular, sem documentação legal; as condições de trabalho nas oficinas são extenuantes; há coincidência entre local de trabalho e de moradia, o que eleva o grau de insalubridade cotidiana, com altos índices de tuberculose, por exemplo, devido ao ambiente fechado.

É necessário também assinalar que existe uma rede que alimenta a produção ilegal dessas oficinas de costura, cujas peças de roupas são comercializadas em lojas da região central da cidade como também passam a ser compradas e revendidas em grandes magazines. Veja-se a polêmica em torno da loja Zara, onde se destaca também o envolvimento de outros grandes varejistas internacionais, a C&A e a Marisa, por exemploⁱⁱ.

Bolívia Cultural: a imagem da marca

Antonio está no Brasil há mais de 20 anos. Vive na cidade de São Paulo. Não dá detalhes do que o levou a migrar para o Brasil. Este não é o nosso foco. Apenas conta que quando chegou, era possuidor de um diploma técnico de Propaganda e Comunicação na Escola Panamericana de Artes. Conseguiu transferência para fazer uma pós-graduação na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo. Ao final, já para se formar, não conseguiu o diploma, por causa da dificuldade em obter, na Bolívia, a documentação exigida pela universidade brasileira. Mas, como ele mesmo diz, obteve o conhecimento que buscava. Com isso, abriu uma empresa de criação e produção de games e produtos interativos e, em paralelo, fundou o site *Bolívia Cultural*. Na realidade, o projeto é bem maior que um simples site. O que interessa Antonio é “fazer esse papel de mediador entre a comunidade boliviana e os brasileiros, trabalhando a imagem da marca Bolívia”. Antonio explica que seu público é em primeiro lugar constituído por brasileiros, depois por filhos de bolivianos que já são brasileiros e em seguida, bolivianos migrantes e outros latinos, estendendo-se até outras comunidades de migrantes como os coreanos e africanos por exemplo. Ele explica: “o pouco que

i Fonte: Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante, em: www.cdhic.org.br

ii Um estudo mais aprofundado da realidade vivida pela comunidade boliviana em São Paulo foi desenvolvido pelo prof. Danilo Borges, em dissertação de Mestrado intitulada *Mídia, Migração e Identidade(s)* que pode ser consultada no link: http://www.bdttd.uceb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1335

aparece sobre a Bolívia e os bolivianos nas notícias é sempre negativo, eu não vejo que o preconceito seja a verdadeira fonte de problemas e sim a falta de informação. O brasileiro é muito aberto ao diferente, mas ele tem que conhecer”. Por isso, Antonio desenvolveu, com sua equipe formada por 4 pessoas permanentes (ele, diretor, uma jornalista brasileira, um técnico para o site e um responsável pelo financeiro), um grande projeto de divulgação da marca Bolívia e de promoção da integração entre latinos e brasileiros.

Entre as ações do projeto, destacam-se algumas que explicitam a estratégia que podemos chamar de construção positiva da marca, idealizada e empreendida por Antonio: a campanha *Eu amo Bolívia*, um cartão de vantagens que dá descontos na rede de comércios e serviços do bairro do Canindé e do Braz – bairros onde fica concentrada uma grande parte da comunidade latina de São Paulo; um Guia para o Migrante, com informações de todas as instituições, os serviços e outros dados de interesse dos migrantes que chegam a São Paulo; e o site propriamente dito, onde é feita a cobertura jornalística dos eventos e acontecimentos que envolvem a comunidade boliviana, latina e eventualmente outras comunidades de migrantes em São Pauloⁱⁱⁱ. O projeto *Bolívia Cultural* também desenvolve programas de TV Indoor, DVDs informativos atualizados mensalmente, jogos interativos em vários idiomas (Quetchua, Aymara, Castelhana e Português) e de baixo custo, destinados ao público migrante e aos brasileiros.

O slogan “Eu amo Bolívia” foi inscrito – em português – em camisetas vendidas e distribuídas em programas de TV aberta, em eventos públicos da cidade de São Paulo e em eventos escolares e universitários. É ação de uma campanha que teve como objetivo contribuir para a criação de uma imagem positiva agregada à representação da Bolívia no Brasil. Segundo Antonio, foi um sucesso. Ele recebeu pedidos do mundo inteiro. “E o que as pessoas querem é a campanha brasileira, ou seja, o texto é em português e está associado também à imagem que o Brasil tem no exterior”, explica Antonio.

Quando o questionamos sobre o fato de ele não parecer se preocupar em denunciar as más condições de vida, notadamente a questão do trabalho análogo à escravidão, que sabemos ser um assunto crítico veiculado pela mídia nos últimos anos, Antonio explica: “alguns problemas são globais, outros são relativos à conjuntura social de um país, e não próprios de uma comunidade específica”. Por isso, não interessa a Antonio insistir em vincular certos problemas globais ou nacionais à imagem dos bolivianos. “O problema do consumo de álcool e de drogas, o problema da violência contra a mulher, a falta de segurança nas ruas, a falta de infraestrutura em certos lugares da cidade não são problemas próprios da comunidade boliviana. São problemas gerais. Então não me interessa contribuir para essa associação da marca do meu país aos problemas do mundo”. Ademais, segundo Antonio, há organizações dentro e fora da comunidade que já tratam desses problemas com o foco nos interesses das comunidades de migrantes^{iv}. O que não há – ou muito pouco – são organizações ou iniciativas que apoiem a construção de uma imagem positiva da comunidade latina e das pessoas, de maneira a contribuir para a integração de uma comunidade migrante na de recepção.

Antonio toma o exemplo do bullying e nos conta que muitas crianças bolivianas enfrentam esse problema na escola pelo simples fato de serem bolivianas. Mas ele continua, “só que isso não é um problema específico dos bolivianos, é um problema dos africanos, dos obesos, das pessoas de cabelo negro, das pessoas consideradas feias, magras, etc., etc. Isso não tem fim. Toda criança pode sofrer bullying por algum motivo. A questão é como ela se sente. Sua autoestima”. Por isso, Antonio acha mais importante tratar da imagem positiva da Bolívia do que se ater aos problemas. Ele acredita que bater na tecla das más condições de trabalho não é uma boa forma de ajudar a comunidade na construção de sua autoestima, nem de ajudar os brasileiros na construção de uma imagem boa dos bolivianos que lhes permita se integrar. “E essa história de superação dos Bolivianos que saíram de lá é uma

iii Ver o estudo “Bolívia Cultura: um exercício de interculturalidade”, TCC do curso de Jornalismo, resultado de trabalho de Iniciação Científica da aluna Iasmin Barbosa Costa.

iv Em São Paulo, há organizações que se destacam pelo trabalho com migrantes contemporâneos, como o já citado CDHIC, ou a Pastoral do Migrante, ligada à Igreja Católica.

história de superação como a de qualquer um. Vocês que são acadêmicos também querem melhorar suas condições de vida e lutam para isso. Nesse sentido, somos todos escravos do sistema lutando para nos superar a cada dia. É isso que eu quero dizer. E meu papel é mostrar isso”.

Ainda um ponto abordado por Antonio em nossa conversa e vinculado aos conceitos de transnacionalismo e interculturalidade nos parece importante aqui. Antonio explica que o trabalho dele com o *Bolívia Cultural* se estende e beneficia toda a comunidade latina. De fato, há hoje muitos migrantes vindos particularmente do Peru e do Paraguai que convivem com os bolivianos. Do ponto de vista dos brasileiros, é difícil fazer distinções. Por isso, um migrante, quando fala espanhol e tem traços latinos, é na maioria das vezes considerado boliviano. Por isso, o que Antonio faz pela Bolívia e os bolivianos se estende a todos os latinos e eventualmente a outras comunidades de migrantes que a eles se associam.

Esporte, cultura e entretenimento: atividades de integração e participação

Fomos encontrar Jorge Gutierrez na quadra de esportes do Centro de Atenção Psicossocial, o CAPS, no bairro do Bom Retiro, onde ele organiza aos sábados e domingos jogos de futebol e outros esportes entre times bolivianos, paraguaios, brasileiros e outros. Quando chegamos, o encontramos na quadra, onde jogava um time boliviano contra um paraguaio. Nas arquibancadas, torcedores de toda a comunidade latina. Jorge nos disse que já foi jogador profissional na Bolívia, mas aqui no Brasil, onde vive desde 1986, organiza atividades de integração e participação da comunidade migrante latina na cidade de São Paulo. Jorge também organiza uma copa chamada Copa Vimart de futebol e basquete. Explica-nos que o nome da copa é uma homenagem à sua ex-mulher, Vitória Marlene Torres, falecida alguns anos atrás, que sempre o apoiou em todas as atividades junto à comunidade, particularmente, as atividades esportivas, entre as quais organizou uma eleição da rainha do esporte. Segundo Jorge nos conta, a Copa Vimart funciona como um farol do migrante no esporte. Diz que atrai os migrantes de uma forma geral, que os times brasileiros participam, mas que a presença de bolivianos é mais forte, porque segundo ele, a comunidade boliviana é uma das mais organizadas de São Paulo e das mais ativas. O esporte, diz Jorge, é integrador. Os times se formam em torno das nacionalidades (bolivianos, peruanos, paraguaios) mas todos se integram da mesma forma. “Apenas na hora do jogo é que competem”, explica, “fora da quadra é tudo irmão”.

Jorge também participa da equipe de criação de uma nova rádio para a comunidade: a *Nueva.com*, uma radio online. Não é a primeira rádio de que participa, ele já se envolveu com programas esportivos na *Kantuta online*, mas agora, a *Nueva.com* “vai ser mais interessante”, diz ele. “Tem que ter uma rádio latina, que integre todas as comunidades, os bolivianos, peruanos, paraguaios, e até os nigerianos e coreanos vão participar, porque com a comunicação, acabamos com o egoísmo, a falta de compreensão e de reconhecimento da competência latina”. E explica: “teremos programação esportiva, notícias, programação para as mulheres, um programa africano que a comunidade nigeriana está propondo, programação de música, informações também sobre legislação, saúde, educação, turismo. E é preciso conscientizar as pessoas latinas que é necessário aprender um idioma latino, unir a cultura latina em uma só”. Os brasileiros não falam espanhol e os habitantes de outros países de língua espanhola não falam português. Por isso, cursos de línguas também fazem parte das atividades propostas nas comunidades.

Antonio insiste em falar sobre o aprendizado das línguas como forma de integração necessária para todos os migrantes. Fala em comunidade latina que inclui os brasileiros. Nos diz que foi muito importante quando a Polícia Federal brasileira começou a oferecer cursos de língua espanhola para seus funcionários. “Porque agora, como eles falam espanhol, os problemas se resolvem melhor. Conseguem conversar, se comunicar com os bolivianos. E também parece que eles se tornaram mais amigáveis, mais parecidos conosco”, diz ele, rindo.

Na feira: vínculos interpessoais – A praça; O xamã; A vendedora de cereais e produtos andinos

A feira da Kantuta foi para nós o lugar chave para observarmos os migrantes latinos e sua organização. Pudemos observar que quase todos os que lá se encontravam falavam espanhol ou outras línguas indígenas. Identificamos poucos brasileiros. Uma família binacional nos chamou atenção. O pai era brasileiro, mas a mãe e as crianças eram bolivianas. Falavam entre si nas duas línguas. Identificamos também um ou outro casal brasileiro que ali passeava. Foi só. De resto, todos eram latino-americanos. Aqueles que se apresentavam nas danças folclóricas eram identificados pela sua cidade de origem: La Paz, Cochabamba, Cuzco. Fazia sentido, uma vez que o folclore é frequentemente ligado a regiões ou cidades específicas em cada país. Mas isso se verificava também nas placas das bancas que vendiam produtos regionais: artesanato, ingredientes culinários, roupas.

Este traço reforça uma das características fundamentais da migração transnacional: as viagens a fim de abastecer as comunidades emigradas com os elementos que ligam as culturas de origem. Ingredientes culinários, artesanato, CDs e DVDs com música e produção audiovisual são vendidos na feira e renovam os laços daqueles que não participam mais do cotidiano originário. A identificação do elemento regional foi tão forte e presente que nos sentimos transportados a uma outra realidade dentro da cidade de São Paulo. Não exatamente a Bolívia ou o Peru, mas sim uma comunidade de migrantes hispânicos em São Paulo.

Imbuídas do discurso regional que ali dominava, quando nos dirigimos a um senhor sentado em um banquinho de madeira ao lado de uma placa indicando “Xamã” e outras informações, uma das primeiras perguntas que fizemos foi sobre sua origem, de onde vinha. E nos surpreendemos com a resposta que destoou do discurso dominante da praça da Kantuta. “Não sou de lugar nenhum. Sou índio”. “Sou índio e é isso que importa. Não importa a nação, o país, a região. Importa que sou de um povo cuja cultura foi praticamente extinta, destruída, mas eu estou aqui com esse saber tradicional e posso explicar.” Conversamos longamente sobre o xamanismo e seus benefícios para o autoconhecimento. Durante toda a sua fala, dominou a realidade do transnacionalismo para além das diferenças nacionais e regionais. O xamã já não falava dos migrantes, mas dos índios. E falou que a maioria das pessoas que ali se encontravam tinham origens indígenas, mas as ignoravam por preferirem fazer parte de uma comunidade urbana inserida na cultura global dominante.

Sociedades transnacionais e interculturais: a alteridade necessária

O último censo demográfico, de 2013, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) destacou a reversão, pela primeira vez depois de décadas, da configuração do panorama migratório do Brasil: de país de emigrantes, voltamos a receber imigrantes. No entanto, o quadro migratório brasileiro ainda é tímido. Tanto em número de recebimento de migrantes como de refugiados, assim como a diversidade de nacionalidades. Dados divulgados pela Secretaria de Assuntos Especiais (SAE), ligada à Presidência da República, indicam que 0,3% da população brasileira é formado por imigrantes. Na Austrália, esse dado compõe 20% da população. Enquanto isso, o Canadá tem 16% de trabalhadores formados por imigrantes. No Brasil, esse número corresponde apenas a 0,4% da população economicamente ativa. Por meio de levantamento nas entidades que trabalham com imigração para o Brasil, podemos desenhar o seguinte panorama: destacamos dois tipos de imigração para o país: o acolhimento de refugiados, onde se destacam os africanos, e, mais recentemente, os haitianos, e os dos chamados migrantes econômicos, como os vindos de Bangladesh e Gana, que buscam no país possibilidades de prosperidade.

Dessa forma, o debate em torno da alteridade, tema que polarizou as discussões sobre a abertura à imigração para o Brasil desde o período do Império até a proclamação da República, parece estar latente. Este traço pode ser explicado na medida em que permanecemos recebendo atualmente um contingente

de pessoas cuja visibilidade precisa ser constantemente negociada pelo fato das populações migrantes representarem as etnias indesejadas historicamente para povoar o país. Assim, em um país miscigenado como o Brasil, onde os encontros interculturais estão na origem da formação do povo, como se manifesta a interculturalidade quando, num contexto contemporâneo, o país passa a ser cultura receptora de populações historicamente indesejadas como as africanas, latino-americanas ou asiáticas?

A premissa que guiou esta pesquisa é a de que teríamos uma vocação para uma sociedade intercultural em vez do modelo multicultural. E percebe-se que há sentidos diferenciados na acepção dos dois termos por esta pesquisa. Estamos a nos referir a um sentido primordial de multiculturalismo, de uma raiz norte-americana, que concebe a diferença pela tolerância, pela mera “paciência” com o outro. O multiculturalismo é acusado de ter se transformado em um termo que abriga diversidades, mas que não pressupõe o contato, a abertura generosa e curiosa para o Outro. Exista, mas longe mim. O intercultural na sua versão contemporânea, e latino-americana, ao contrário, vem embebido em atritos proporcionados pelo encontro, pela visão, pela troca. O lugar do intercultural é a metrópole, complexa, múltipla, sem mônadas, sem fragmentação ou segmentação. O conflito está na ordem do humano. A unidade, o mesmo, da ordem do imaginário, do medo do Outro, logo, é o caminho para a exclusão, para o fechamento.

Nesse caminho, conforme apontamos nas considerações sobre a metodologia compreensiva, o campo nos abriu possibilidades teóricas e de reflexão. Não há dúvida de que foi por meio das interações relatadas e das observações das dinâmicas da feira e das iniciativas de integração, que pudemos acompanhar durante a pesquisa, que percebemos e começamos a teorizar sobre a noção de abertura identitária dos migrantes e desapego à noção de pertencimento para construir uma noção dinâmica e flexível de pluripertencimento.

O pluripertencimento transnacional permite às pessoas que migram adaptarem seus discursos – mas também seu sentimento de pertença – aos contextos em que se encontram, seja com relação a seu país de origem e aos outros migrantes vindos dos mesmos países, seja com relação a seu lugar de destino e às pessoas que ali se encontram, dentro e fora dos limites das comunidades. Percebemos, tanto ao nos aproximarmos da feira da Kantuta – para falar de um lugar no sentido geográfico – como quando participamos da Festa Cultural de Carnaval Andino, Yunsa, no Parque do Belém – lugar no sentido histórico-cultural, conforme Nora o entende⁶ – que as fronteiras que determinam o limite entre o dentro e o fora desses espaços não existem. Não há fronteiras culturais, assim como não há – já o sabemos desde Barth⁷ – fronteiras étnicas, e sim zonas turvas de transição entre uma realidade e outra, zonas que constituem espaços de contato, de diálogo e de trocas, zonas, portanto, interculturais. E parece ser, precisamente, nessas zonas de interculturalidade que os sentimentos e os discursos são dinamizados e se tornam, potencialmente, mutáveis e adaptáveis às situações.

É assim que o discurso dominante na feira da Kantuta ao longo das manifestações folclóricas públicas se atrela a noções de pertencimentos regionais, que o Xamã se destaca do discurso dominante para afirmar seu pertencimento a uma categoria transnacional de tradição ancestral, a do índio; que a moça vendedora de cereais nos olha como brasileiros e se define como boliviana; que o organizador da Copa Vimart de futebol fala de comunidade migrante, incluindo ali migrantes de várias regiões do mundo; que o locutor da rádio *Nueva.com*, Antonio, nos fala da comunidade latina na qual inclui os brasileiros. É assim também que Antonio do *Bolívia Cultural* fala da Bolívia, não como o país de origem de migrantes necessitados de atenção e políticas públicas (ao contrário da maioria dos outros ativistas da causa dos migrantes bolivianos), mas como país rico em tradições, de onde parte um povo que aspira à superação de suas condições materiais precárias rumo a oportunidades melhores em outro lugar, no caso, o Brasil. Resta saber se este receituário comporta as permanências ligadas à exploração de mão de obra, ou ao racismo. Será possível que todos os problemas sejam apaziguados pela cultura?

Assim, cabe a pergunta, as cidades brasileiras conversam com suas diversidades? Como avaliar a presença intercultural em uma cidade? Pelo número de associações culturais, representações, organizações,

pela presença de igrejas, templos, ou entidades recreativas como clubes, ou educacionais como escolas, por exemplo? Seriam dados interessantes e que certamente responderiam positivamente a esta questão. No entanto, esta resposta perpassa uma outra seara, de difícil mensuração. A simbólica, ou um índice que aferisse o nível de inclusão de alteridades ao tecido social urbano. Novamente, talvez a cultura represente a chave de inclusão em uma nova sociedade.

Percebemos isso com a iniciativa do Bolívia Cultural, do Festival latino-américa, com as conversas que tivemos na feira com os migrantes. Em todas essas oportunidades, dominava nas falas, nas atitudes e nas iniciativas o desejo de dar a conhecer seu país, sua cultura e de estabelecer relações de diálogo entre todos. Estávamos bem longe dos discursos midiáticos analisados pelo observatório de mídia. Longe de uma realidade de sofrimentos, obstáculos, condições de trabalho análogas à escravidão, problemas de irregularidade junto às autoridades brasileiras, condições precárias de saúde, e outros males que acabam por estigmatizar o estrangeiro em uma condição de vítima. Estávamos em meio a uma realidade intercultural e transnacional pulsante.

Referências

1. Appadurai A. dimensões culturais da globalização. Lisboa: Editorial Teorema; 2004.
2. Barth F. *Ethnic groups and boundaries*. Oslo; 1969.
3. Cogo D, Elhajji MHA, editores. *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Barcelona: Bellaterra: Institut de la Comunicació; 2012.
4. Kaufmann J. *L'entretien compréhensif*. Paris: Nathan Université; 1996.
5. Nora P. *Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard; 1997.
6. Portis A, Guarnizo LE, Landolt P. The study of transnationalism: pitfalls and promise as an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*. (22): 2, Routledge; 1999. Weber M. *Essai sur la théorie de la Science*; 1992.